

VISITA DE AMIGO¹

Tradução: Lídia Ivasa²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

No início de setembro de 1946, recebi a visita de certo homem.

Esse fato não tem absolutamente nada de romântico, tampouco de jornalístico. Porém, acho que deixará marcas em minha mente pelo resto da minha vida, de tão estranhas e insuportáveis sensações me causou.

O fato em si.

Talvez seja exagero chamar o que ocorreu de “fato”. Nós apenas bebemos juntos, nada de extraordinário aconteceu. Não brigamos e, aparentemente, nos despedimos amigavelmente. Mesmo assim, foi um acontecimento que não passou despercebido para mim.

Seja como for, era um homem talentoso. Uma criatura admirável que não tinha uma qualidade sequer.

No ano passado, fugi dos bombardeios⁴ e abriguei-me na casa onde nasci, em Tsugaru⁵. Passava quase todos os dias trancado silenciosamente no quarto dos fundos. Uma vez ou outra, recebia convites para participar de conferências culturais de não sei o quê da região ou para o encontro de ex-colegas de não sei onde. Quando era convidado para simpósios, eu apenas recusava com um “certamente deve haver outros conferencistas mais competentes”. E assim levava uma vida de ermitão de araque, bebericando saquê escondido até adormecer. Durante os quinze anos em que vivi em Tóquio, frequentei bares de última categoria, bebi saquês de péssima qualidade e conversei com gente da, digamos, ralé. Por isso, não seria qualquer patife que me assustaria. Mas aquele homem me surpreendeu. Ele superou todas as minhas expectativas.

¹ “Visita de Amigo” [親友交歓, *Shin'yū kōkan*]. Publicado originalmente em dezembro de 1946, na revista *Shinchō*.

² Lídia Ivasa é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Literatura Japonesa pela Universidade de São Paulo (USP) e tradutora no par de línguas japonês-português. E-mail: <ivasalidia@gmail.com>.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

⁴ O conto foi escrito em 1946; logo, se pressupõe que sejam os bombardeios em Tóquio, ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵ Região leste da província de Aomori, no norte do Japão.

Era início de setembro, havia terminado de almoçar e fumava distraído na sala de estar, quando vi na entrada de terra batida da casa um senhor de pé, vestido com roupas de lavrador. Ele cumprimentou:

— Boa tarde!

Esse era o tal “amigo”.

(Com este manuscrito, descrevo a figura de um lavrador e apresento-lhes sua face repugnante, mas não há qualquer relação e demonstração de apoio à luta entre classes sociais que chamam de “reacionária”. Pode parecer ridículo dizer isso, mas por via das dúvidas, quero deixar aqui registrado. Se lerem este registro até o final, ficará evidente para quase todos os leitores que esta nota é desnecessária, contudo, ultimamente é cada vez maior o número de pessoas ignorantes e insensíveis que tomam partido e se manifestam a respeito de assuntos ultrapassados, tirando conclusões precipitadas. Por causa dessas pessoas burras de mente conservadora (ou pelo contrário, talvez isso seja uma bênção), quis acrescentar uma explicação. Desde o início, o personagem que aparece neste manuscrito veste-se como lavrador, mas isso não significa que seja aquela figura tão prezada pelos “ideólogos”⁶. Na verdade, esse homem era mais complexo. Seja como for, era a primeira vez que conhecia uma pessoa daquele tipo. Diria até que ele era incompreensível, pressentindo o surgimento de um novo tipo de ser humano. Minha intenção não é avaliá-lo, fazendo um julgamento moral, mas ficarei satisfeito se conseguir transmitir ao leitor as sensações que senti).

Ele disse ser Hirata, meu colega nos tempos da escola primária.

— Não se lembra? — perguntou, mostrando seus dentes brancos ao sorrir. O rosto me pareceu vagamente familiar.

— Lembro sim. Não quer entrar?

Nesse dia, se não estou enganado, fui um tanto cortês com ele.

Ele descalçou o *zôri*⁷ de palha de arroz e se dirigiu para a sala de estar. Disse em voz alta:

— Há quanto tempo, hein? Faz quantos anos? Não, faz quantas décadas? Ei, faz vinte anos! Sabia que você tinha voltado pra cá, mas estava preocupado com a lavoura, então não vim te visitar. Parece que você também virou um beberrão, hein? Ahahaha!!

Dei um sorriso sem graça e servi o chá.

— Esqueceu das nossas brigas? Sempre brigávamos.

— Era mesmo?

— Como assim, não lembra? Olha, tem uma marca na minha mão. Foi você que me arranhou.

⁶ Aquele que acredita em uma ideia política específica, indicando, principalmente, os comunistas e os progressistas.

⁷ Espécie de chinelo.

Olhei atentamente para as costas da mão que ele me mostrou, mas não vi nenhuma cicatriz.

— Se estou lembrado, tinha uma marca na sua perna esquerda. Não tem? Deve estar aí. Essa marca foi da vez que te dei uma pedrada. É, briguei muito com você.

Não tenho nenhuma marca, nem na perna esquerda, nem na direita. Eu apenas sorri vagamente, e ouvi com atenção sua conversa.

— A propósito, quero sua opinião sobre a reunião dos nossos ex-colegas de turma. Vamos organizar um encontro com eles e beber bastante! Pra dez pessoas, precisaríamos de uns trinta e sete litros de saquê. Eu me encarrego de recolher o dinheiro pra bebida.

— Tudo bem, mas não acha muito trinta e sete litros?

— Não é muito. Se não for pelo menos uns quatro litros de saquê pra cada um, não vai ter graça.

— Mas vamos conseguir essa quantidade de bebida?

— Talvez. Não sei, vou tentar. Não se preocupe. Mesmo morando no interior, o saquê não tá barato nesses tempos, então vou precisar da sua ajuda.

Levantei, fazendo cara de quem tinha entendido o que ele queria, e fui até o quarto dos fundos. Trouxe cinco notas grandes de dinheiro.

— Fique com isso por enquanto. Depois dou o resto.

— Espera — e empurrou as notas de volta — não vim aqui pra pedir dinheiro. Só vim saber a sua opinião. Seja como for, espero receber de você pelo menos uns mil ienes, mas hoje, aproveitando a visita, vim ver como está um velho amigo. Vamos, deixe tudo comigo e guarde esse dinheiro.

— É mesmo? — coloquei o dinheiro no bolso do casaco. Ele perguntou, de repente:

— Não tem nada pra beber?

Não pude deixar de encará-lo. Ele também, por um momento, fez uma expressão envergonhada, mas não recuou.

— Ouvi dizer que você sempre guarda uns quatro ou seis litros de bebida em casa. Traz aqui. Cadê a sua mulher? Fala pra ela me servir.

Eu me levantei e disse:

— Tudo bem. Então me acompanhe.

Foi um grande erro.

Levei-o até o escritório, nos fundos da casa.

— Está uma bagunça, hein?

— Eu não me importo. Quarto de literatos são sempre assim. Sei disso porque tinha amizade com vários deles, quando estive em Tóquio.

Para mim, era difícil acreditar nessa história.

— É um ótimo quarto. Tem uma bela construção. A vista do jardim também é boa. Tem *hiiragi*⁸. Sabe de onde vem o nome “*hiiragi*”?

— Não.

— Não sabe? — disse ele, com ar de sabichão. — Dizem que é uma adivinha: é grande como o mundo e pequeno como uma casa, além de ser usado por vocês, gente de literatura, como tema de escrita.

Não entendi nada do que significavam aquelas palavras. Até achei que faltasse uma parte da charada, mas parecia que não. Posteriormente, ele mostrou sua face malandra.

— O que é essa adivinha?

Com ar de importante, ele disse, sorrindo:

— Deixa que te explico da próxima vez que vier. A charada do *hiiragi*.

Peguei do armário a garrafa quadrada de uísque, já pela metade.

— Tudo bem se for uísque?

— Pode ser. Sua mulher não está? Manda ela me servir.

Apesar de ter recepcionado vários tipos de visitantes quando morei em Tóquio, nunca me disseram semelhante coisa.

— Minha esposa não está — respondi, mentindo.

— Para de me enrolar — e ignorando o que eu disse, continuou: — Chama a sua mulher aqui e manda me servir. Vim porque queria que sua mulher servisse bebida pra mim.

Se ele está pensando que minha esposa é como as mulheres da cidade, elegantes e atraentes, tenho pena dele, assim como dela. De fato, minha esposa é da cidade, mas tem uma rudeza de gente do interior, além de não ser nada afável. Tinha receio em apresentá-la.

— Não é melhor do jeito que estamos? Pode ser que a bebida que minha mulher servir tenha um gosto ruim.

— Esse uísque — disse, enquanto despejava a bebida no copo em cima da mesa — em outros tempos, seria considerado de terceira categoria. Bom, pelo menos não é metanol.

Ele tomou de um gole só, e depois de estalar a língua, acrescentou:

— Parece com *shôchû*⁹ de *mamushi*¹⁰.

Enquanto servia a bebida novamente, eu disse:

— Mas se beber depressa, os efeitos do álcool vêm depois, e vai acabar passando mal, hein?

⁸ *Osmanthus heterophyllus*. As folhas pontiagudas se parecem com as do azevinho, mas as duas plantas são de famílias diferentes.

⁹ Destilado típico do Japão. Pode ser feito a partir de vários ingredientes, como cevada, batata-doce ou arroz. Seu teor alcoólico pode variar de 15% a 45%, sendo o mais comum de 25%.

¹⁰ *Gloydius blomhoffii*. Cobra venenosa que é inserida na bebida por acreditarem que acentua o sabor do *shôchû*. No texto, indica a baixa qualidade da bebida.

— Aí que você se engana. Quando morava em Tóquio, tomei duas garrafas de Suntory¹¹ de uma vez só. O teor desse aqui deve ser de uns 60%? Não é grande coisa. Nem é tão forte.

Dizendo isso, tomou a bebida de um gole mais uma vez, sem nenhuma cerimônia. Desta vez, ele me serviu e depois ele encheu seu copo até a borda e disse:

— Acabou.

— Ah, é mesmo? — e com a educação que uma pessoa cortês deve ter, levantei-me disposto e com a expressão de ter entendido a situação. Fui até o armário e retirei outra garrafa de uísque, abrindo a tampa.

Ele concordou com a cabeça tranquilamente e bebeu mais.

Nessas alturas, eu comecei a ficar um pouco irritado. Desde a infância, possuía o mau hábito do desperdício. Acredito que, comparado às outras pessoas, nunca dei muito valor às coisas materiais (não que isso seja motivo de orgulho). Contudo, para mim, esse uísque era valioso. Apesar de ser considerado de terceira categoria antes da guerra, naqueles tempos, sem dúvida, era considerado como de primeira. Fora muito caro, além de ter sido difícil encontrar alguém que me ajudasse a comprar aquela bebida. Obter esse uísque não era apenas questão de dinheiro. Havia conseguido uma dúzia de garrafas fazia bastante tempo, e não me arrependi de ter ido à falência por isso. Bebia aos pouquinhos, e pensava em oferecer a um escritor que gostasse de beber, como o senhor Ibuse¹², quando ele viesse me visitar. Por isso guardava o uísque com tanto zelo. Porém, a bebida diminuía cada vez mais, e agora havia apenas duas garrafas e meia no armário.

Quando ele perguntou se não tinha nenhuma bebida, infelizmente não havia saquê, e ofereci o restante desse precioso uísque. Mas não imaginei que beberia de uma vez só, como se estivesse tomando água. Ele poderia resmungar que sou mesquinho (não, eu admito: sou mesquinho em relação a esse uísque. Tenho dó de beber!), mas tomar aos goles, sem qualquer cerimônia, como se fosse a coisa mais natural do mundo, certamente deixaria qualquer um irritado.

Além disso, sua conversa não me despertava qualquer empatia. E não é porque sou uma pessoa refinada e instruída, enquanto ele é um velho lavrador analfabeto. Tenham certeza de que não é por isso. Já tive a oportunidade de conversar seriamente com uma prostituta ignorante sobre assuntos como a “verdade da vida”. Também chorei pelas ideias de um velho artesão sem instrução. Tenho sérias reservas com relação ao que a sociedade chama de “estudos”. O motivo pelo qual não apreciava a conversa dele era outro. E qual seria esse

¹¹ Empresa de bebidas fundada em 1899 por Torii Shinjirô e famosa pelo uísque que produz.

¹² Ibuse Masuji (1898–1993), escritor japonês, autor de **Chuva negra** (1966) e de “A grande salamandra” (1929). Dazai Osamu mantinha uma atormentada relação com Ibuse, a quem considerava um mestre da grande literatura.

motivo? Em vez de usar duas ou três palavras para concluí-los, farei uso da variedade de ações e palavras dele naquele dia, deixando para os leitores tirarem suas próprias conclusões. Dessa maneira, como escritor, penso que seja um método mais justo de avaliá-lo.

Desde o início, ele vinha repetindo sem parar o que dizia ser os “seus tempos em Tóquio”, mas à medida em que ia ficando bêbado, começou a falar cada vez mais.

— Quando você morava em Tóquio, se meteu em apuros com as mulheres¹³? — disse em voz alta, e depois sorriu— Eu também me meti em sérias confusões quando estive por lá. Por pouco não me envolvi em um grande escândalo, como você. É verdade. Fui até esse ponto. Mas eu fugi. Sim, fugi. Mesmo assim, as mulheres não se esquecem quando põem na cabeça um homem. Ahahaha! Até hoje ela me manda cartas. Hahaha! Esses tempos ela mandou *mochi*¹⁴ para mim. As mulheres são mesmo umas idiotas, essa é a verdade. Pra se apaixonar por uma mulher, tem que ser pelos sentimentos, pelo coração, não pela beleza ou pelo dinheiro. Eu aprontei bastante em Tóquio. Pensando bem, você também estava em Tóquio, se divertindo enquanto maltratava as gueixas, entre outras coisas. Mas é estranho que a gente não tenha se encontrado nenhuma vez. Afinal de contas, onde é que você saía pra se divertir naquela época?

Não fazia a menor ideia a que época ele estava se referindo. Além disso, não tenho a mínima lembrança de ter me divertido maltratando gueixas. O que fazia na maioria das vezes era ir a uma barraquinha de *yakitori*¹⁵, bebericar *awamori*¹⁶ e *shôchû* e tagarelar. Sobre o que ele disse em relação ao “grande escândalo”, não foram apenas uma ou duas vezes, e sim um problema atrás do outro, causando grande vergonha para minha família. Gostaria ao menos de dizer isso: “Não me deixei levar pelo dinheiro, fingindo ser um conquistador e fazendo as gueixas sofrerem, porque não sou um convencido!”. Foi um protesto inútil, mas soube pelas palavras dele que as pessoas não acreditariam em mim. E isso me deixou aborrecido.

Mas não foi a primeira vez e nem necessariamente com este homem que passei por essa experiência desagradável. Já fui subestimado por críticos de círculos literários de Tóquio, e até mesmo por pessoas que tinha por amigos. Por causa disso, me acostumei a rir e ignorar essas ocorrências, mas este homem com aparência de lavrador parece acreditar que esse era meu maior ponto fraco e percebi sua intenção em se aproveitar do fato. Não consegui deixar de pensar que suas intenções eram perversas e mesquinhas.

Contudo, nesse dia, estava tão tolerante quanto uma pessoa cortês pode ser. Não tomei qualquer atitude. Vítima dos danos da guerra, havia perdido tudo, trazendo esposa e filhos

¹³ Na vida real, Dazai envolveu-se com gueixas e, em pelo menos uma ocasião (em 1930, ou seja, 16 anos antes de escrever esse conto), levou uma mulher ao suicídio, prometendo suicídio duplo. A mulher se afogou no rio, e Dazai sobreviveu à tentativa.

¹⁴ Bolinho feito com arroz glutinoso cozido e amassado.

¹⁵ Espetinho de frango, grelhado e temperado com o molho *tare*, feito de *shoyu*, saquê e açúcar.

¹⁶ Bebida típica da região de Okinawa. É feita a partir do arroz e possui alto teor alcoólico (50% a 60%).

para uma cidade pequena, intrometendo-me no cotidiano dessa pequena cidade. As condições de vida eram quase precárias, sem dúvida; mas em consideração aos antigos moradores, eu não poderia deixar de ser gentil com esta visita.

Fui até a casa principal e trouxe frutas.

— Não quer comer? Comendo frutas, a embriaguez passa e você pode beber mais.

Pensei que, continuando do jeito que estava, bebendo uísque sem parar, ele poderia até tornar-se violento ou ficar fora de si, o que me deixaria em apuros. Para tentar acalmá-lo, descasquei uma pera e ofereci a ele.

Contudo, parece que ele não queria ficar sóbrio, e sequer olhou para a fruta, pegando apenas o copo de uísque.

— Eu odeio os políticos.

E de repente, ele mudou a conversa para a política.

— Lavradores como a gente não precisa entender de política. Se alguém nos oferecer vantagens práticas, é esse o político que vamos apoiar. Não acha que é o suficiente? Se um político nos mostrar algo que possamos ver e tocar, ele ganhará nosso apoio. É o bastante. Lavradores como a gente não tem ambição. Só retribuímos o favor recebido. Somos gente simples. Não importa se são do Partido Progressista ou do Socialista¹⁷. Pra nós, lavradores, basta arar o arrozal e cultivar as hortas.

Inicialmente, não entendi o motivo para ele falar dessas coisas estranhas. Entretanto, ao perceber sua real intenção, sorri e disfarcei quando ele disse:

— Nas últimas eleições, você fez campanha pro seu irmão mais velho, não foi?

— Não, não fiz nada. Fiquei trabalhando neste escritório, todos os dias.

— Mentira. Mesmo que você seja um literato e não um político, é uma questão de sentimento. Tenho certeza de que você trabalhou muito pelo seu irmão. Sabe, sou um lavrador sem estudos, mas eu tenho sentimentos. Odeio os políticos e não sou ambicioso. Acho que não tenho nada pra ter medo, mesmo declarando ser progressista ou socialista. Mas eu tenho sentimentos. Sabe, não quero me aproximar ou pedir nada pro seu irmão, mas fui seu colega de escola e sou seu amigo, não é? É aqui que entram os sentimentos. Eu votaria no seu irmão, sem que ninguém me pedisse. Lavradores como a gente não precisa entender de politicagem. Basta não esquecer dos sentimentos, não acha?

¹⁷ O Partido Progressista do Japão (*Shinpotô*) teve um breve período de vida no fim do século XIX. O homem pode estar se referindo ao Partido Liberal (*Jiyûtô*), que absorveu os membros do partido extinto, e que representava uma posição moderada com relação ao Partido Socialista (*Shakaitô*). O Partido Socialista havia sido relegado à clandestinidade durante a Segunda Guerra Mundial, e havia retornado às atividades apenas recentemente, no momento em que se passa esta história.

Será que esse voto seria pelo uísque? Era tão explícito que eu já estava ficando desiludido. Ele até que não era um homem assim tão simples. Era muito suscetível. De repente, ele percebeu alguma coisa e tentou se explicar:

— Mas eu não tenho a intenção de me tornar vassalo do seu irmão. Ficaria constrangido se pensasse isso de mim. Veja a sua família. Se examinarmos seus antepassados, verá que foram vendedores de óleo. Sabia disso? Minha avó que contou. Pra cada medida de óleo que se comprava, ganhava-se uma bala de brinde. E foi assim que prosperaram. Os Saitô, do outro lado do rio, hoje se vangloriam de serem grandes proprietários, mas há três gerações, eles recolhiam gravetos do rio e faziam espetos de madeira, que usavam pra assar peixinhos e vendiam por um ou dois *mon*¹⁸. Foi assim que juntaram dinheiro. Ainda tem a família do seu Oike, que enfileirava baldes na beira da estrada e oferecia aos viajantes para que urinassem. Quando o balde ficava cheio, vendia como adubo para os lavradores, dando início à sua fortuna. Se a gente procurar as origens, o passado de todos os ricos é sempre assim. Mas a minha família, veja bem, é a mais antiga da região. Porque meus antepassados são de Quioto — deu uma risadinha envergonhada. — Foi minha avó quem me contou, então não sei se é confiável, mas temos uma perfeita árvore genealógica.

— Talvez você venha da nobreza. — eu disse seriamente, satisfazendo sua vaidade.

— Bom, é, isso não sei dizer, mas deve ser algo do tipo. Apesar de eu ter essa aparência suja, porque trabalho todos os dias na lavoura, meu irmão mais velho — você conhece ele, não? — se formou na faculdade. Era jogador de beisebol e sempre estava nos jornais. Meu irmão mais novo também está indo pra faculdade. Por intuição, achei que seria melhor me tornar um lavrador. Agora, meus irmãos não podem me menosprezar. Afinal, depois de formado, meu irmão mais velho virou chefe de uma seção pública em Tóquio, mas sempre manda cartas pedindo comida, pois não tem por lá. Mas dá trabalho enviar comida. Se meu irmão viesse buscar, então daria o quanto ele quisesse. Mas parece que o chefe de uma repartição pública em Tóquio não pode aparecer carregando uma saca de arroz nas costas. Se você também estiver passando por alguma dificuldade, venha quando quiser lá em casa. Não penso em te oferecer saquê de graça. Os lavradores são gente simples. Nós retribuímos apenas o favor recebido. Ah, eu não bebo mais com você! Chama a sua mulher. Não vou beber se sua mulher não me servir!

Tive um estranho pressentimento. Não fazia tanta questão de servir saquê a ele.

— Eu não vou mais beber. Se não vai chamar sua mulher, vou lá buscar. Cadê sua mulher? Tá no quarto? Onde vocês dormem? Eu sou o rei dos lavradores! Não conhece o clã Hirata? — depois de se embriagar e fazer algazarra, ele se levantou, cambaleando.

Enquanto sorria, eu o acalmei e o fiz sentar.

¹⁸ Antiga unidade monetária do Japão.

— Está bem, então vou buscá-la. É uma mulher sem graça, quer vê-la mesmo assim?

Fui ao quarto onde estavam minha esposa e as crianças, ordenando com uma expressão natural:

— Ei, um antigo colega de escola veio nos visitar, vá cumprimentá-lo.

Porém, não queria que meu visitante desprezasse minha esposa. Não importa o tipo de visita, nada me dói mais do que ver um visitante desdenhar da minha família.

Minha esposa, com o filho mais novo no colo, entrou no escritório.

— Este é Hirata, meu amigo dos tempos do primário. Naquela época, nós brigávamos muito e ele tem a cicatriz de um arranhão que lhe fiz, não sei se na mão direita ou na esquerda. Por isso, hoje ele veio se vingar.

— Nossa, que assustador! Prazer em conhecê-lo — ela disse, sorrindo e cumprimentando-o gentilmente.

Para ele, nosso comportamento como casal educado e cortês não parecia ser nada. Com uma expressão orgulhosa, disse:

— Não precisa fazer essas saudações cerimoniais. Senhora, fique perto de mim e sirva a bebida, por favor.

Desta vez, ele foi cortês. Pelas costas, chamava-a de mulher, mas na frente dela chamava-a de senhora.

Sendo servido pela minha esposa, ele bebeu tudo de um só gole.

— Senhora, estava dizendo agora mesmo ao Shûji (meu nome de infância) que, se estiverem passando necessidade, podem vir pra minha casa. Tem de tudo: batatas, verduras, arroz, ovos e frango também. Que tal carne de cavalo? A senhora come? Sou mestre em arrancar pele de cavalo. Por isso, se a senhora quiser, venha buscar. Vou lhe dar uma perna inteira. E que tal um faisão? Talvez prefira o faisão-das-montanhas? Porque sou um grande atirador. Todos conhecem nessas redondezas o atirador Hirata. Se me pedirem, posso atirar em qualquer coisa. Que tal um pato? Posso ir amanhã cedo ao arrozal e derrubar uns dez. Já derrubei cinquenta e oito deles antes da primeira refeição do dia. Se acha que é mentira, pergunte ao ferreiro Kasai Saburô, perto da ponte. Aquele homem sabe tudo sobre mim. Se falar sobre o atirador Hirata, todos os jovens das redondezas serão gentis. Já sei, ei literato, que tal ir comigo amanhã à noite, na véspera do festival do deus Hachiman¹⁹? Eu venho te buscar. Talvez tenha uma grande briga entre os jovens. Parece que a situação por lá está agitada. Daí pularia no meio deles e gritaria: “Alto lá!” — igualzinho ao Chôbe Banzui’in²⁰. Não tenho nada

¹⁹ Divindade xintoísta da guerra, protetor do povo japonês. Era reverenciado pelos guerreiros. São comuns festivais em sua homenagem.

²⁰ Chôbe Banzui’in (1622–1657), um samurai dissidente do governo que viveu na Era Edo (1603–1868), muito popular por haver protegido o povo contra as injustiças perpetradas pela aristocracia militar. Acabou morto por um guerreiro a serviço do xogum.

a temer. Se eu morrer, minha mulher e as crianças não vão passar necessidades, porque tenho bens. Ei literato! Vamos juntos amanhã à noite, sem falta. Vou te mostrar meu lado heroico. Você não vai escrever boa literatura se ficar todos os dias enfurnado nesse quarto, sem saber o que fazer. O negócio é vivenciar mais experiências. Afinal de contas, sobre o que você tá escrevendo? Hahaha! É um romance sobre gueixas? Você não sabe o que é sofrer, não vai conseguir. Eu já troquei de mulher três vezes. A última é a mais bonitinha. E você? Deve ter duas. Três? Senhora, ele te trata bem? Não parece, mas eu já morei em Tóquio.

A situação estava piorando. Mandeí minha esposa trazer da casa principal algum petisco para acompanhar o uísque, fazendo com que ela saísse do escritório.

Ele tranquilamente tirou da cintura uma pequena carteira de fumo. Atrelada à carteira, tinha uma caixinha com pedras para acender o fogo e um utensílio para transferir a chama. Tentou acender o fogo na piteira com as pedras, mas não conseguia.

— Tem bastante cigarro aqui, pode fumar. Dá trabalho acender na piteira, não?

Quando disse isso, ele olhou para mim, sorriu e guardou a carteira de fumo, dizendo com ar orgulhoso:

— Nós, lavradores, só temos esse tipo de coisa. Vocês podem achar ridículo, mas é prático. Durante a chuva, basta esfregar as pedras que temos fogo. Da próxima vez que for a Tóquio, penso em levar isso aqui ao centro de Ginza²¹ e acender o fogo, esfregando as pedras. Você também voltará logo a Tóquio, não é? Vou te visitar. Onde fica sua casa em Tóquio?

— Fui vítima dos bombardeios, por isso ainda não foi decidido um local para morarmos.

— É mesmo? Não sabia. Então devem ter recebido provisões extras. Parece que deram cobertores pras vítimas, né? Eu quero esse cobertor.

Não sabia o que fazer. Sofri para entender suas verdadeiras intenções. Mas parecia que ele não estava de brincadeira, e insistia:

— Quero esse cobertor. Vou fazer uma blusa de frio com ele. Até que o material não é tão ruim assim. Cadê? Onde está? Vou levar na hora de ir embora. É assim que eu sou. Se quero alguma coisa, vou dizendo logo: “Vou levar!” e sempre acabo ganhando. Em troca, se você for na minha casa, pode fazer a mesma coisa. Não me importo. Pode levar qualquer coisa, não tem problema. Comigo é assim. Não gosto de coisas complicadas, como etiqueta social. Ouviu? Vou levar o cobertor!

Minha esposa cuidava desse único cobertor como se fosse um tesouro. Será que por morarmos numa casa grande, ele pensa que vivemos na fartura? Somos como o bernardo-eremita, que vive no interior de uma grande e desajustada concha: sem ela, sobra apenas um pobre bicho nu. Como o caranguejo, precisamos bater de porta em porta, carregando o cobertor recebido como provisão extra e o mosquiteiro. Um caipira que possui arrozais não é

²¹ Distrito de Tóquio conhecido como um importante e luxuoso centro comercial.

capaz de entender a vida miserável de uma família sem casa. Não duvido que tenha passado pela cabeça da maioria dos desabrigados pela guerra (tenho certeza de que todos já pensaram nisso) a possibilidade de virem a se suicidar com toda a família.

— Esqueça o cobertor.

— Você é um mão-de-vaca!

E quando ele iria insistir novamente, minha esposa entrou, trazendo uma pequena refeição.

— Ah, senhora — e se lançou em sua direção — desculpe o trabalho. Não quero nada pra comer, por isso sente-se aqui e sirva a bebida, por favor. Não tenho vontade de beber quando Shûji me serve. Ele é um pão-duro, não serve. Que tal eu dar um soco nele? Sabe senhora, era muito forte nas brigas quando morava em Tóquio. Também fiz um pouco de judô. Contra alguém como Shûji, é só um golpe. Sempre que ele for arrogante com a senhora, me avise. Darei um belo soco nele. Então senhora, na época em que moravam em Tóquio e depois, quando vieram pra cá, ninguém falou com seu marido tão sem cerimônias e de maneira tão íntima quanto eu, não é? Porque sou um antigo amigo de brigas, e porque Shûji não conseguiria me enfrentar.

Depois de ficar evidente que seu comportamento mal-educado era um esforço consciente, minha irritação aumentou ainda mais. Será que ele tinha a intenção de fazer disso uma história idiota, em que contaria orgulhoso como conseguiu que alguém lhe oferecesse uísque de graça e depois suportasse sua truculência?

Lembrei, de repente, de Kimura Shigenari e da história do Chabôzu²². E também de Kanzaki Ygorô e de Mago. Recordei-me até da perna presa de Kanshin. Em vez de ficar admirado com a paciência de Kimura, de Kanzaki e de Kanshin, pensei na atitude infinita e silenciosa de desprezo de cada um deles. Por isso, senti apenas o sarcasmo dessa situação. Era comum, nas discussões de bar, uma pessoa levantar a voz, indignada, enquanto outra, tranquilamente, fica sorrindo e apenas com o olhar, diz às pessoas em volta: “Não tem jeito esse bêbado”. Depois, volta-se para o companheiro furioso: “Não me leve a mal, peço desculpas”. Já vi esse tipo de cena várias vezes, e é puro sarcasmo. Acho uma atitude covarde, pois agindo desta maneira, todos pensarão que o homem indignado ficará mais bravo ainda. É claro que Kimura, Kanzaki e Kanshin não agiriam assim, utilizando-se de um olhar de súplica e pedindo desculpas na frente de espectadores para chamar a atenção. Certamente eles pediriam desculpas sinceras. Porém, minha moral repudia essas histórias impressionantes, pois não notei qualquer sentimento de serenidade. Tenho a impressão de que a paciência não é

²² Histórias exemplares de pessoas que se negaram a revidar quando desafiadas para uma briga, ou que preferiram não enfrentar um personagem mais forte do que elas, quando vítimas de abuso. Constavam dos livros didáticos de Moral e Cívica do tempo em que Dazai foi estudante, para inculcar nas crianças a virtude da serenidade.

algo momentâneo e nem dramático. Acredito que seja uma virtude eterna, como a paciência de Atlas e o sofrimento de Prometeu. Além do mais, vi em cada uma dessas famosas figuras um estranho ar de superioridade. Não é à toa que Chabôzu e Mago tinham vontade de esmurrá-los, fazendo com que eu sentisse pena desses truculentos. Principalmente o Mago do clã Kanzaki, que escreveu um pedido de desculpas formal por precaução. Mas acredita-se que, desanimado depois de uns quatro ou cinco anos, finalmente se rendeu e acabou bebendo de tanta raiva. Desde o início, não senti qualquer admiração pelo colapso mental desses grandes homens de belas histórias; pelo contrário, parece que senti uma grande compaixão e piedade pelos ignorantes. Contudo, agora, este singular visitante está diante dos meus olhos e percebo que minha opinião sobre as três personalidades precisaria ser corrigida.

Não me importo se for chamado de covarde ou algo do gênero. Pensei no seguinte: cutuque a onça com vara curta. Não tenho tempo para mergulhar meus pensamentos na virtude da paciência ou em belas lições. Eu confesso. Fiquei atônito, mas Kimura, Kanzaki e Kanshin certamente eram mais fracos do que aquele famoso apóstolo traiçoeiro. Eles foram dominados. Não tinham chance de vitória. Até mesmo Jesus Cristo percebeu que o tempo não traria vantagens e disse: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”²³

Não há alternativa a não ser fugir. Não será muito agradável se eu fizer um teatrinho, provocando meu amigo e fazendo com que ele quebre as portas corrediças; afinal, a casa não é minha. Sempre estou preocupado, observando se as crianças não quebraram a porta, não rasgaram as cortinas ou não rabiscaram nas paredes. Devo, a todo custo, manter seu bom humor. Os feitos históricos daqueles três, descritos em livros didáticos de Moral e Cívica, tratam do tema da paciência, da coragem e da covardia. Por isso, nós que acreditamos na salvação budista somos facilmente enganados. Se, por acaso, esta história fosse adotada pelos livros didáticos, o tema seria a solidão.

Agora conheço que a solidão que aqueles três sentiram.

Enquanto ouvia sua falação, de repente, em meio a um segredo desespero meu, ele soltou um grito terrível:

— Aaargh!

Assustado, olhei em sua direção e ele gritou:

— Tô bebão!

²³ Contido na Bíblia, Mateus 27:46. “Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Como os dois guardiões hindus Nio e Fudô²⁴, ele, imóvel, fechou os olhos e berrou, sustentando os braços nas pernas, como os lutadores de sumô, e mostrando toda a força de seu corpo, parecendo lutar contra a embriaguez.

Era impossível não ficar bêbado. Praticamente sozinho, ele tomou mais da metade de uma garrafa. Na testa, o suor brilhava, sendo adequado compará-lo a divindades ferozes como Kongô ou Ashura²⁵. Minha esposa e eu trocamos um olhar preocupado. Após trinta segundos, ele agiu como se nada tivesse acontecido.

— O uísque é bom mesmo. Deixa a gente bem chapado. Vamos senhora, chegue mais perto, venha me servir. Posso estar bêbado, mas não perco a razão. Hoje vocês me serviram; da próxima vez, eu servirei vocês. Venham pra minha casa. Apesar de não ter nada por lá, crio frangos, só não posso matar. Não são simples frangos, são galos de rinha. Estão em treinamento, mas pretendo cozinhar apenas os que perderem feio. Por isso, esperem até novembro. Bom, posso oferecer uns dois ou três nabos grandes.

A conversa ficou cada vez mais mesquinha:

— Lá não tem bebida, não tem nada. Por isso vim beber aqui. Se eu conseguir um pato, vou te dar de presente. Mas pra isso, tenho uma condição. Vamos comer esse pato, eu, Shûji e a senhora. Shûji servirá o uísque, mas não respondo por mim se disserem que a carne está ruim. Se reclamarem que a carne é horrível, eu não perdoo. Eu apanhei o pato com muito esforço e sofrimento. Quero que digam que o pato tá delicioso. Ouviu bem? É uma promessa. Digam que tá gostoso. Hihhi!! Senhora, esses são os lavradores. Se nos fizer de idiotas, não damos nem um fio de cabelo sequer. Pra se dar bem com um lavrador, tem que ter jeito, viu, senhora? Não pode ser orgulhosa, não. Bem, até a senhora é como minha mulher, quando chega a noite...

Sorrindo, minha esposa se esquivou:

— Parece que meu filho está chorando.

— Não! — ele gritou, levantando-se.— Sua mulher não pode ir! Minha mulher não é assim! Vou até lá arrastar ela de volta. Não me faça de idiota. Minha casa é um bom lar. Tenho seis crianças e somos um casal perfeito. Se acha que é mentira, pergunte ao ferreiro Saburô, perto da ponte. Onde é o quarto da sua mulher? Mostra onde fica. Mostra o quarto onde vocês dormem.

Foi um grande erro servir meu precioso uísque para esse tipo de pessoa!

— Deixe, deixe.

Eu também me levantei e puxei-o pela mão. Já não sorria mais.

²⁴ Nome japonês usado para referir-se aos dois guardiões de Buda que, segundo a tradição, acompanharam-no em suas viagens.

²⁵ Um dos oito guardiões no Budismo, deus da guerra e do conflito.

— Não dê ouvidos a minha mulher. Faz tempo que não nos encontramos, vamos beber animadamente.

Ele se sentou, bravo.

— Vocês dois não se dão bem? Eu notei isso. É esquisito. Tem alguma coisa aí. Eu percebi.

Não tem nada para ele perceber. O motivo dessa “estranheza” está no seu estado absurdo de embriaguez.

— Que chatice. Que tal eu cantar alguma coisa?

Fiquei duplamente aliviado ao ouvi-lo dizer isso. Primeiro, porque dependendo da música, esta situação desagradável poderia se dissipar; segundo, porque esse também foi meu último desejo. Suportei esse amigo, por quem nunca tive amizade, do meio-dia até o entardecer, aguentando sua visita por cinco ou seis horas. Ouvi as várias histórias que ele contou e não consegui achar, nem por um instante, que ele fosse uma pessoa a ser estimada ou admirada. Não haveria coisa pior, tanto para mim quanto para ele, que ao nos despedirmos, a única recordação que teria dele seria de terror e repugnância. Mostre, nem que seja pelo menos com um gesto, algo que me deixe uma lembrança divertida e saudosa. Por favor, cante algo com uma voz triste, como uma canção folclórica de Tsuruga. Com sua sugestão, meu desejo de que me fizesse chorar nasceu em meu coração.

— Isso é bom. Por favor, cante.

Porém, meu pedido já não era mais por educação. Apostei tudo nessa canção, mas fui cruelmente traído até o final.

*A montanha, o rio, as plantas, as árvores, logo se tornarão uma terra devastada. Mesmo a quilômetros de distância, cheira-se o sangue fresco, e parece que a guerra ainda continua.*²⁶

E para variar, ele esqueceu a segunda parte da canção.

— Bom, vou embora. Sua mulher fugiu de mim, a bebida tá horrível com você me servindo, então vou embora.

Eu não o impedi.

Ele se levantou e, assumindo um ar sério, disse:

— Bom, não tem jeito, ficarei encarregado da reunião. O resto vou deixar por sua conta. Com certeza, será uma reunião animada. Obrigado pela hospitalidade. Vou levar o uísque.

Já estava esperando por isso. Na garrafa quadrada, restava apenas um quarto da bebida. Despejei mais no copo que ele estava bebendo.

²⁶ Retirado da obra *Kinshûjoka Sakushi*, de Nogi Maresuke. Kinshû compreende a região nordeste da China, palco da Guerra Russo-Japonesa (1904–1905).

— Ei! Isso aqui não conta. Não seja mesquinho. Ainda tem uma garrafa cheia aí no armário, não é?

Já sabia. Sentindo calafrios, sorri, satisfeito. Não há nada mais esplêndido. Não havia homem como esse, nem em Tóquio, nem em lugar algum.

Com isso, não poderei mais me divertir bebendo, nem com o senhor Ibuse, nem com ninguém. Apanhei a última garrafa do armário e entreguei a ele. Até pensei em dizer o preço que paguei pelo uísque. Queria saber se ele continuaria com a mesma expressão ou se ele desistiria de levar a bebida por pena. Contudo, não lhe disse. Não tenho coragem de servir algo a uma visita e depois dizer seu preço.

— E os cigarros? — experimentei perguntar.

— Sim, eu também preciso disso. Porque minha vida é fumar, você sabe.

Apesar de ter tido, realmente, uns cinco ou seis colegas naquela época, não tenho qualquer recordação desse amigo, mesmo depois dele afirmar ter sido meu colega de primário. Ele também não deve ter, de lembranças minhas, mais do que as tais brigas que dissera ter tido. Além disso, sua visita de amigo durou metade de um dia. Com esse tipo de atitude, palavras exageradas como estupro vinham à minha mente.

Porém, esse ainda não foi o fim da visita. Ele a coroou com perfeição. Ainda que tenha sido muito prazerosa, quando acompanhei-o até a porta para nos despedirmos, ele sussurrou em meu ouvido:

— Não seja orgulhoso!

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Visita de amigo. Tradução de Lídia Ivasa. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 101-115, 2017.